

Design e Fotografia para a promoção da inclusão social em bairros sociais de Lisboa – Projecto Moro aqui ao lado

Maria Lourenço^a

Resumo

Esta comunicação surge de uma investigação teórica e prática que visa criar e promover um novo modelo de design para a inclusão social, recorrendo a várias áreas de estudo interligadas, nomeadamente, design, fotografia e inclusão social, centradas no design social. Recorre-se à fotografia como ferramenta artística a ser aprendida por grupos de jovens inseridos em três bairros carenciados, Bairros Padre Cruz, Alta de Lisboa (Musgueira Norte) e Boavista. Mais do que resultados finais decorrentes da transmissão de uma panóplia de conhecimentos, busca-se traçar o percurso desenvolvido em termos de sensibilidade estética e social dos jovens convidados a participar no processo.

Palavras-Chave

Design Social, Fotografia, Inclusão, Comunidade

Abstract

This communication arises from a theoretical and practical research that aims to create and promote a new design model for social inclusion, using several interrelated areas of study – design, photography, and social inclusion – centered on social design. Photography is used as an art to be learned by groups of young people in three deprived communities, Padre Cruz, Alta de Lisboa (Musgueira Norte) and Boavista. More than the final results of the transmission of a wide range of knowledge, the purpose is to trace the progress in aesthetic and social sensibility of the young people invited to participate in the process.

Keywords

Social Design, Photography, Inclusion, Community

Introdução

Este artigo visa apresentar um projeto de inclusão social em que se propõe criar e promover um novo modelo de design para a inclusão social. Esta investigação teórica e prática pretende aliar diversas áreas e interligá-las através do design enquanto fator presente nas vivências sociais, de consumo e estéticas que pautam os quotidianos da contemporaneidade. No âmbito do design, destaca-se o design participativo e social, na medida em que permite associar uma abordagem criativa e um desígnio social, neste caso concretizados pela aprendizagem e pelo exercício da fotografia, tendo por objetivo a inclusão de jovens potencialmente desfavorecidos pelas contingências decorrentes dos espaços onde habitam e as oportunidades, ou falta delas que daí decorrem. O estigma suscitado pelo espaço comunitário em que nasceram e onde crescem, o bairro, leva estes jovens a singularizarem-se, desenvolvendo-se de forma isolada da comunidade

mais vasta urbana em que se inserem. O design, através das suas áreas mais específicas, como o design de comunicação e o design social, sendo que a transdisciplinaridade dá a possibilidade de construir ferramentas de trabalho para ajudar a resolver ou a minimizar os problemas causados pelo preconceito da sociedade relativamente a alguns dos seus habitantes.

A parte prática da investigação surgiu do reconhecimento da realidade vivencial dos jovens pertencentes aos comumente, designados por “bairros sociais”. Escolheu-se a área metropolitana de Lisboa, porque densamente populosa em termos do território nacional e, portanto, passível de conter bairros exemplificativos da problemática da exclusão/inclusão social.

O objetivo consubstanciou-se na transmissão e na prática de conhecimentos e exercícios da aplicação do design na fotografia tendo como base conteudística a realidade de cada bairro. Assim, desenvolveram-se contactos com associações e entidades de diversos bairros sociais

^a Doutoranda em Design e Designer Gráfica. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Email: milourenco.7@gmail.com

da zona de Lisboa. Após o estabelecimento dos primeiros contactos verificou-se que três bairros ofereciam potencialidades para o desenvolvimento do projeto e, simultaneamente, apresentavam características distintas, o que tornava o desafio mais interessante e completo: Bairro Alta de Lisboa Centro (Musgueira Norte) na Freguesia do Lumiar, Bairro Padre Cruz na Freguesia de Carnide e o Bairro Novo do Calhariz (Bairro Alto da Boavista) situado na Freguesia de Benfica.

O fechamento desses jovens nas suas respectivas comunidades de bairro e, a consequente marginalização de que são habitualmente alvo por parte dos grupos sociais urbanos externos, constitui não só um sintoma de doença urbana, como pode induzir a atos de repúdio do coletivo alargado. Pareceu à investigadora que dar a conhecer aos jovens recursos artísticos, a fotografia, que os ajudasse a materializar algo que até aí permanecera indizível, de uma forma simples e rápida, poderia contribuir para alterar a sua realidade. Capturar uma imagem, fazer uma fotografia, é dos atos criativos aparentemente mais singelos e com uma imediaticidade de resultados que quase garantia a adesão, e até o entusiasmo, dos convidados a tal exercício. Nascia assim um projeto de levar aos jovens de bairros sociais rotulados de problemáticos o contacto e a prática da fotografia, transformando-os em “agentes artísticos” e, ao mesmo tempo, fazendo-os olhar o seu bairro de uma forma nova, mais consciencializada e depois levá-los a partir para outras descobertas.

No presente trabalho procurou-se aplicar idêntica metodologia aos jovens de bairros selecionados para o projeto. Também eles atuaram como artistas fotógrafos e, por vezes, modelos, mas, sobretudo também sempre espectadores da sua própria obra e da dos seus colegas. Também eles viram o produto da sua arte exibido e visionado tanto por outros habitantes dos seus bairros, como por cidadãos exteriores a esses espaços. Assim, estes jovens artistas puderam ter uma experiência de ida a um museu e até de interagir com os procedimentos museológicos requeridos pelo trabalho organizativo de uma exposição. Colocando as exposições em locais exteriores ao bairro e com bastante circulação de pessoas de várias classes sociais, é um passo para que os seus pré-conceitos se desvançam, dando assim oportunidade aos jovens fotógrafos de serem aceites de um modo mais isento e aberto.

Marco Berrebi (2009, p. 9), considera que o artista não está sozinho e que todas as pessoas do mundo podem fazer parte do processo criativo, adicionando comentários e mesmo conteúdo a

uma peça inicial. O fotógrafo JR nos seus trabalhos é exemplo disso mesmo, chamando o público a reparar na dor ou na alegria, na esperança ou no arrependimento das pessoas retratadas. A presente investigação espelha esta metodologia, visando chamar a atenção para os jovens dos bairros e o que eles retratarão, na expectativa de uma compreensão mútua mais lúcida e harmoniosa. Em suma, procura-se encurtar, se não anular a distância entre o Eu ou o Nós e o Outro. Nada melhor do que uma imagem para ferir os sentidos até ao despertar das emoções e do juízo racional.

Design, na presente investigação é visto como um processo de aprendizagem teórica e prática de uma determinada disciplina, a fotografia neste caso para atingir um fim de índole social que reverberará em melhorias vivenciais a nível do indivíduo e da sua comunidade. No caso de estudo aqui abordado, o processo foi desenvolvido com um grupo de jovens, centrando-se na aprendizagem de princípios do design aplicados à fotografia, ou seja, conceitos que são empregues tanto no design como o podem ser na fotografia. Concretamente, além da aprendizagem sobre princípios técnicos da fotografia, aplicou-se esse conhecimento na procura de imagens representativas dos bairros a que o grupo de jovens pertencia, imagens que incluíram a procura da “beleza” visual, mas também uma interpretação da fração de realidade captada. Num segundo momento, o planeamento e execução de pelo menos uma exposição urbana de fotografia, desenvolvia sentidos de corelacionamento emergentes do trabalho em equipa a serem eventualmente repercutidos em outras ações comunitárias. Também as noções de organização espacial e de um espaço urbano mais vasto que a imediaticidade comunitária lhes dera a conhecer até aí, constituem objetivos norteadores deste trabalho.

Projecto “Moro aqui ao lado”

O projeto denominado “Moro Aqui ao Lado” nasceu no âmbito de um trabalho de Doutoramento em Design que está em progresso, intitulado, *Design e Inclusão: Fotografia, Aprendizagem e Organização Expositiva em Bairros Sociais de Lisboa*.

O Projeto “Moro Aqui ao Lado” desenvolveu-se em duas fases (Imagem 1).

A primeira fase teve a duração de 3 meses, com início no mês de Abril e término em Junho de 2013. Foi desenvolvido para um grupo de cerca de 15 jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, residentes nos bairros

selecionados. Uma vez por semana, durante uma hora, foi dado um *workshop* orientado pela doutoranda e/ou por outras pessoas ligadas à fotografia, com o intuito de ensinar os seus conceitos básicos.

Seguidamente são apresentadas as atividades decorridas em cada sessão (Imagem 2).

Desde o início dos *workshops* que lhes fora explicado como seria a exposição final, ou seja, em que suportes seria desenvolvida. No entanto, constatou-se que há diferença, entre elucidar e ter a possibilidade de ver o tamanho real dos objetos. Deste modo, as últimas duas semanas (sessões 11 e 12) houve oportunidade de terem folhas com as dimensões originais dos mupis e de esboçar como queriam cada *poster*.

Todos os bairros fizeram um estudo do primeiro *poster*, considerado o elemento de apresentação do seu bairro e dos respetivos intervenientes, para o qual escolheram os elementos que pretendiam colocar, assim como a sua disposição. Assim, todas as escolhas, desde o fundo (se tinha uma cor sólida ou uma fotografia), ao tipo de letra, às imagens e aos textos, foram opção única e exclusiva dos jovens criadores que, em conjunto, deliberaram o que desejavam apresentar. Nos *posters* seguintes também houve a mesma possibilidade de escolha em relação à apresentação das fotografias selecionadas e à sua disposição.

No dia 11 de Julho de 2013 todos os jovens e demais habitantes das respetivas comunidades, foram convidados a participar na inauguração da exposição, realizada no jardim em frente ao Museu da Eletricidade, em Lisboa. Tratando-se de um evento em espaço aberto e num local com uma envolvência em que a cidade se encontra com o rio, estavam conseguidas condições climáticas e de moldura paisagística que propiciavam à partida um bom acolhimento destes outros espaços agora ali presentes através dos *mupis*.

Após a exposição, e até perto do final de Outubro de 2013, procurou-se contactar os jovens que participaram nas referidas sessões de fotografia, para conseguir o preenchimento de um questionário de opinião sobre os *workshops*, a fim de compreender o que mais apreciaram, de que modo a iniciativa os marcou e quais as expectativas suscitadas.

Os questionários sinalizam dados tais como a assiduidade, o grupo etário dos jovens participantes, as suas reações à prática da fotografia, em relação ao curso, à tipologia das imagens recolhidas e ao processo conducente à exposição e, à exposição em si mesma. O questionário procurou também indagar aspetos do seu relacionamento pessoal intra e inter bairros.

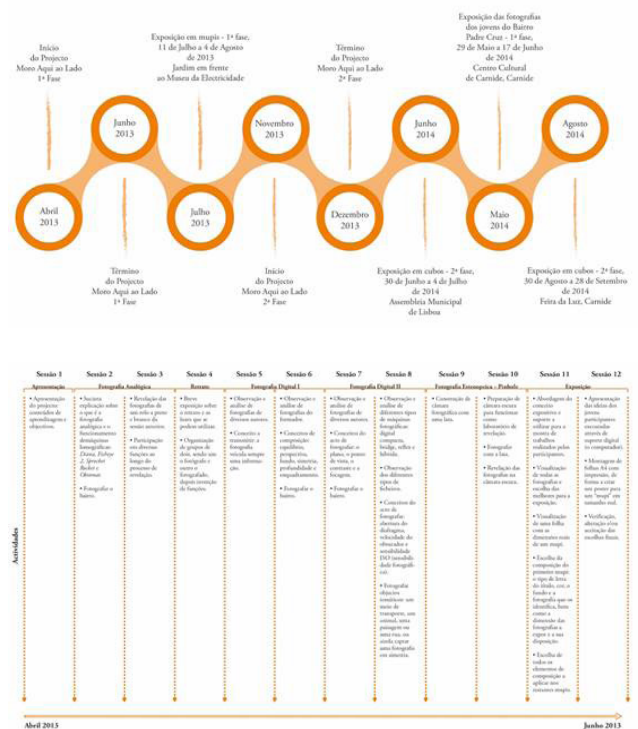


Imagem 1 - Diagrama com linha cronológica do Projeto "Moro Aqui ao Lado"

Fonte: Imagem da Autora, 2014

Imagem 2 - Sessões do Projeto "Moro Aqui ao Lado" – primeira fase

Fonte: Imagem da Autora, 2013

Em Novembro de 2013, o "Projeto Moro Aqui ao Lado" foi retomado com o contributo das mesmas comunidades. Devido à boa aceitação dos jovens e ao seu desejo de continuar, foi decidido desenvolver um projeto semelhante, mas desta vez com um tema diferente.

O novo projeto foi, portanto, concebido para os mesmos grupos de jovens que participaram na experiência anterior, em resposta ao seu expresso desejo e com a finalidade de se aferir a sua evolução. Deste modo, procedeu-se a uma revisão dos conhecimentos previamente adquiridos, mas os conceitos de fotografia abordados foram-no, nesta fase, tratados de uma forma mais aprofundada. Esta fase teve a duração de cerca de dois meses, focando-se principalmente no design, já que a abordagem da fotografia havia sido efetuada anteriormente.

Esta fase teve a intenção de explorar o design participativo e a conceção de exposição de fotografia. O tema escolhido foi o de Lisboa, uma vez que o projeto visava fazer os jovens saírem das suas comunidades e conhecerem a cidade de forma mais abrangente, convidando-os, para tal, a

fotografar lugares da Capital que melhor a caracterizassem.

Uma vez por semana foram realizados *workshops* com a duração de, aproximadamente, uma hora. Nessas sessões foram lembrados alguns conceitos de fotografia através da análise de imagens selecionadas. Os conceitos abordados, porque são considerados também princípios de design, estabeleceram uma relação entre a fotografia e o design, que foi facilmente apreendida. Com base nos princípios aplicados à fotografia – ritmo, harmonia, equilíbrio, simetria e contraste – que também se enquadram numa abordagem ao design, o grupo ficou apto a interpretar e entender o que já aprendera e aplicara na fotografia e, conseqüentemente, a aplicar essas mesmas noções na área do design, em particular, na preparação de uma exposição final. Essa exposição viria a ser realizada num local distinto do escolhido no projeto anterior, pretendendo-se um espaço urbano no centro de Lisboa para o efeito.

No que respeita à divulgação desta segunda fase do projeto, no dia 30 de Junho de 2014, pelas 18 horas, inaugurou-se a exposição de fotografia subordinada ao tema “Lisboa”, na Assembleia Municipal de Lisboa. Nela estiveram presentes as associações e as organizações que participaram no Conselho Municipal da Juventude, os jovens fotógrafos, os seus pais, algumas pessoas que colaboraram connosco ao longo do projeto e visitantes. A exposição manteve-se neste local até dia 4 de Julho de 2014, registando-se uma afluência variada em termos da proveniência socioeconómica e da geografia da urbe. Posteriormente, a exposição esteve presente na Feira da Luz de 30 de Agosto a 28 de Setembro de 2014, na Junta de Freguesia de Carnide.

Em termos concretos, a exposição consistiu na colocação de cinco expositores de forma cúbica, no espaço atribuído para o efeito. Cada comunidade estava ali representada através de um cubo com as dimensões 80cmx80cmx80cm, onde os jovens haviam colocado as respetivas fotografias sobre Lisboa. Havia, também, dois cubos menores, com 50cmx50cmx50cm, um cujas faces continham ilustrações relativas ao projeto e outro revestido com frases escritas pelos jovens a respeito de Lisboa e do que nela tinham gostado de ver e fotografar.

À semelhança do que aconteceu, ao concluir a primeira fase do projeto, também nesta segunda fase se efetuou um questionário para inquérito aos jovens para determinar a sua receptividade face à iniciativa desenvolvida.

A experiência obtida através do Projeto “Moro Aqui ao Lado”, primeira e segunda fase,

consubstanciou mais do que uma vertente. Se, por um lado, permitiu um contacto inter-espacial na realidade cidadina, aproximando jovens ainda em fase formativa residentes em bairros em si mesmos fechados e, simultaneamente, esquecidos da demais população, por outro lado, viabilizou o teste de usar arte, neste caso a fotografia e o design como objeto de aprendizagem e ferramenta de socialização.

Poderia dizer-se que assim se conseguiram concretizar dois objetivos: levar a estes grupos juvenis conhecimento de algo que está fora dos seus percursos curriculares habituais e incutir neles a curiosidade perante o que é alheio à sua rotina e à sua zona habitual. Incutiu-lhes também princípios de abordagem de objetos de interesse, pela positiva ou pela negativa, e de ordenação lógica e esteticamente conseguida de uma variedade de dados.

Estas linhas pedagógicas propiciaram uma prática de uma atividade que despertou interesse nos grupos envolvidos, até porque a sua natureza permitia observar o resultado da obra feita muito rapidamente, não dando tempo a desânimos ou momentos de desinteresse. Pelo contrário, a metodologia seguida permitiu quase um percurso de caça ao tesouro, com início na sala e dali partindo para as ruas do bairro e para a cidade maior.

O facto de terem a oportunidade de mostrar as suas conquistas a um público em boa parte desconhecido, além de também desenvolver neles hábitos de trabalho em equipa e princípios organizativos importantes em qualquer ramo de atividade, fomentou a sua autoestima enquanto artistas fotográficos cuja obra era suscetível de ser admirada por olhos estranhos.

Será prematuro tirar ilações mais profundas do impacto que, em termos de socialização, a experiência pode promover. No entanto, as várias respostas aos questionários distribuídos, por vezes com respostas demasiado curtas por serem apressados ou tímidos, também deixou neles um rasto de interrogações quanto aos modelos relacionais a desenvolverem, ou não, nos seus bairros.

Embora, ainda em aberto, poderá afirmar-se que pelo cômputo geral dos dados aduzidos, quer desses questionários, quer do contacto da própria investigadora e dos seus colaboradores com os grupos de participantes, o projeto afirma-se pela positiva. Deixa também uma nota de esperança em futuros desenvolvimentos destinados a promover a melhoria da vida destes bairros através da arte, abrindo-se à possibilidade de conceber novos projetos investigativos que aprofundem estes desígnios.

Breves conclusões

O presente projeto procurou mostrar como o design poderia contribuir para a inclusão social de grupos, até aí vítimas de discriminação ou marginalização. Recorreu-se à fotografia, enquanto matéria a ser pedagogicamente transmissível e artisticamente apresentada a outrem, para cativar tanto os que se interessaram por aprender esta forma artística como aqueles que, posteriormente, puderam observar a obra feita. Tratou-se da criação e do desenvolvimento de um projeto pioneiro levado a cabo em três bairros sociais da cidade de Lisboa, Bairro Padre Cruz, Bairro da Alta de Lisboa e Bairro Novo do Calhariz (Bairro da Boavista). O intuito consistia em levar grupos de adolescentes a saber utilizar uma máquina fotográfica, para retratar o seu espaço comunitário, numa primeira fase, e a cidade em geral, numa segunda fase, como processo de consciencialização das suas identidades individuais e do seu sentido de cidadania.

O design constituiu a pedra fundante deste projeto, na medida em que determinou os princípios a serem aplicados, quer na composição fotográfica, quer nas estratégias expositivas que se utilizaram.

O design, na sua vertente de design participativo, desde logo aproximou elementos exteriores às comunidades dos bairros e seus residentes, criando pontes, primeiro de natureza pedagógica e técnica, mas que rapidamente evoluíram para uma relação humanizada já apontando para o desígnio da inclusão. Neste aspeto seria o design social que viria a tornar-se hegemónico, seguindo as estratégias de envolvimento, tal como Andrew Shea (2012) indicou: a necessidade de imersão na comunidade; o firmar de laços de confiança através de uma atitude fidedigna e de identificação com a própria comunidade, tanto do ponto de vista humano, ouvindo os seus membros, como do ponto de vista material, ou seja, usando os seus recursos e apoiando-se nas suas valências. Só assim se podia cumprir o próprio significado do conceito de design social que é o design centrado no ser humano.

Este projeto, de índole social, esteve sempre imbuído de um propósito educativo através da arte. Neste aspeto, a prática da fotografia funcionou como uma expressão artística acessível a grupos de jovens em situação problemática e sem qualquer conhecimento prévio desta área. Na verdade, a educação pela arte tem-se revelado um instrumento eficaz, não só no desenvolvimento das mentes e das personalidades dos educandos, mas também na recuperação de laços sociais que as barreiras físicas, económicas e

de estatuto social, têm vindo a erguer no seio da urbe. Neste sentido, um exercício artístico, especificamente o exercício da fotografia, pelas suas potencialidades de representação do real, tem um impacto expectável que não é despreciando.

De um modo pragmático, pode afirmar-se que, ao introduzir a fotografia no quotidiano do(s) indivíduo(s), se está a permitir-lhe(s) viajar no tempo, indo do seu passado até ao vislumbre do futuro. Mais, permite-lhe(s) tomar consciência de conteúdos que, de outra forma, permaneceriam inescrutáveis, convicção que Eisner (2004), ao abordar a questão da educação pela arte, corrobora.

Aspetos técnicos do ensino/aprendizagem da fotografia também constituíram passos necessários para a concretização das obras fotográficas, cujos conteúdos revelaram a sensibilização dos jovens participantes no projeto, em condições e questões comunitárias. Este processo de aquisição de conhecimentos sobre os modos de fotografar enquadra-se no modelo metodológico e teórico para projetos de investigação-ação participativos tal como foi explorado por Caroline Wang e Mary Ann Burris, o método designado *photovoice* que aposta em atividades de índole comunitária integradas no processo de investigação, para que indivíduos de grupos sociais em risco ou excluídos possam ganhar novas competências (Wang e Burris, 1997).

Expor constituiu, pois, o segundo momento de aprendizagem após a prática da fotografia, com base nos ensinamentos teóricos que os vários formadores associados ao projeto haviam transmitido aos praticantes. Assim, afigurou-se necessário explorar modelos expositivos, em especial em espaço aberto, na medida em que seria em espaço público aberto que, em maioria, o conjunto de obras realizadas pelos jovens integrados neste projeto, iriam ser exibidas.

A exposição em espaço aberto implicou, também, ter em atenção os conceitos de cidade e bairro, na sua dimensão sociológica, tendo em conta os processos de exclusão e as tentativas de inclusão que a atual complexidade urbana acarretam. Se a cidade de Lisboa, área escolhida para o Projeto “Moro Aqui ao Lado”, traduz uma realidade caracterizada por vivências distintas a confluírem no espaço da capital, o presente estudo focaliza-se nas comunidades de três bairros sociais lisboetas que mostram sinais claros de pobreza, económica e informativa e, consequentemente, uma deficiente cidadania. Com eles contrastam as zonas gentrificadas, quer pela presença de turistas estrangeiros, quer pela opção de residência de grupos sociais situados num

plano estatutário mais elevado. Para diminuir a distância que separa os primeiros destes últimos, a educação pela arte surge como um instrumento eficaz para converter esses residentes de bairro em cidadãos em plenitude.

Foi neste sentido que se pretendeu que jovens provenientes de bairros sociais com características de discriminação tanto económica como formativa e, portanto, social, se envolvessem na aprendizagem da fotografia. Segundo Smith-Shank e Soganci (2011), a cidade torna-se assim uma imensa sala de aula, no caso do presente estudo para o aprendiz de fotógrafo e também, aquando das exposições, para os seus visitantes, levando-os a interagir com a identidade da cidade de um modo diferente. Numa primeira fase do projeto foi-lhes solicitado que fotografassem aspetos do seu dia-a-dia no bairro onde vivem, com o propósito de serem mostradas a outras pessoas exteriores, a sua comunidade. Efetivamente, desde início, o trabalho desenvolvido com estes jovens oscilou entre uma endogenia, isto é uma progressiva consciencialização da sua vida entre os muros do seu bairro, no sentido que Eisner (2004) atribui à percepção sensorial do mundo através das artes; e uma exogenia, que viria a acontecer com a exibição do produto artístico da sua autoria em espaço público.

O facto de as fotografias serem expostas em zonas exteriores aos bairros ou em zonas de grande circulação de público também propicia que outros indivíduos vejam o que é possível fazer e, por outro lado, sublinha o princípio democrático de que todos os jovens têm direito às mesmas oportunidades. Só assim se pode erradicar o estigma que ainda prevalece entre os jovens destas comunidades mais ou menos fechadas e que os leva a duvidarem das suas próprias capacidades, bem como das pessoas exteriores aos bairros que, por seu turno, nutrem preconceitos sobre os ditos bairros e sobre os seus habitantes, quase fomentando uma guetização.

Em suma, como já foi referido, tentou criar-se um modelo que possa ser aplicado em outros bairros marcados pela exclusão da sociedade, tanto em Portugal, como em qualquer ponto deste mundo globalizado.

O diagrama (Imagem 3) destina-se a mostrar um plano para a inclusão social através do design e da fotografia. O cidadão do bairro social tem, frequentemente, uma relação sinuosa com a sociedade entendida numa perspetiva alargada, sendo constantemente marginalizado e, por vezes, mesmo ostracizado. O indivíduo que reside no bairro social é amiúde rotulado de cidadão problemático, o que, desde logo, leva o converte num excluído social.

Diversos problemas podem estar na origem dessa exclusão e cabe ao designer, pela sua preparação, observá-los e identificá-los e ajudar a corrigir e/ou ultrapassar tantos quantos estiverem ao seu alcance. Com esse intuito, o designer deve estabelecer laços com o cidadão do bairro social, por forma a que, juntos, lhes seja possível chegar à resolução dos problemas identificados de acordo com as expectativas do(s) residente(s) do bairro. Ou seja, mediante o uso das suas ferramentas, o designer irá propiciar as condições necessárias a uma participação ativa por parte dos moradores para chegarem conjuntamente à melhor solução para aquela comunidade.

Ao trabalhar com crianças e jovens, ainda que não sendo necessariamente o caminho mais fácil, pode conseguir-se capacitá-los com instrumentos úteis para o seu futuro. Como afirma Eisner (2004), “plantar as sementes é uma das contribuições que os professores fazem para o

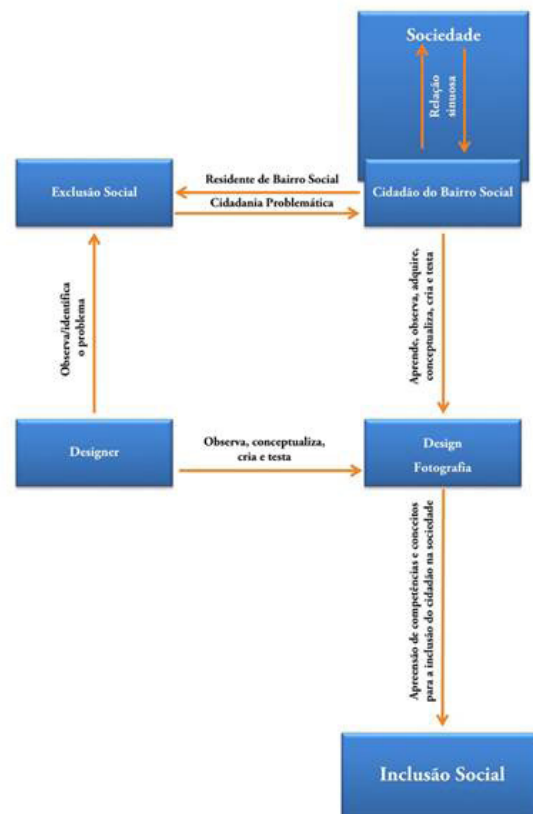


Imagem 3 - Modelo de Design para a Inclusão Social

Fonte: Imagem da Autora, 2016

desenvolvimento dos seus alunos; porém, nem sempre se pode prever quando vão frutificar essas sementes”¹ (Eisner, 2004, p.98).

Os jovens que beneficiam destes projetos de desenvolvimento pessoal e coletivo ajudam a transformar os seus agregados familiares e, subsequentemente, o seu bairro, de modo a que este se torne mais incluído na sociedade. Como afirma Albagli, “a promoção da inovação é frequentemente vista como algo desvinculado da promoção do desenvolvimento local e da inclusão social. Contudo, tais objetivos não são excludentes, e tratá-los de forma conjunta para o desenvolvimento de um dado território tende a gerar resultados mais consistentes e de mais longo prazo” (Albagli, 2006, p.19).

O principal objetivo do modelo de design para a inclusão social é criar mecanismos de intervenção que induzam à participação dos habitantes, estabelecendo relações de cooperação e parceria entre artista(s) e comunidade.

Ao privilegiar aspetos sociais, em lugar de valorizar apenas a condição estética das obras a expor, releva-se o processo que decorre da experiência coletiva, mais do que propriamente o trabalho resultante: “o que nos parece importante, para além das consequências do projeto, é entender o modo como este pode estimular a criação de novas formas de diálogo e a interação entre os indivíduos” (Regatão, 2007, p.117).

No Modelo de Design para a Inclusão Social o principal é o desenvolvimento de um projeto que venha dar mais valor aos jovens dos bairros problemáticos, tantas vezes ignorados e incentivá-los a valorizarem-se e a entenderem que podem auferir das mesmas oportunidades que outros indivíduos com melhores condições vivenciais e, por consequência, ser possível a sua inserção na sociedade em geral.

Esta proposta abarca, como referido, três bairros sociais na área de Lisboa. Todavia, o retrato socioeconómico do país, ou até apenas da capital lisboeta, é inevitavelmente mais vasto. Assim, a autora tem consciência que se trata de um passo numa longa caminhada ainda em muito por realizar.

Também o recurso à fotografia como ferramenta preferencial do projeto de design participativo constituiu uma escolha vantajosa e, a vários títulos útil e acessível aos participantes nos seus diversos papéis; no entanto, esta escolha não é excludente do recurso a outras expressões artísticas inerentes à arte urbana cujas manifestações têm vindo a crescer e a tornarem-se mais notórias. Há, pois, uma vasta área de reflexão e análise para continuar a aprofundar a condição de cidadania no século XXI.

Se, em 1989 se derrubou o Muro de Berlim, unificando duas culturas que as vicissitudes históricas tinham separado, (embora assistamos atualmente ao erguer de novos muros fruto das conturbações globais), cumpre-nos, em escala mais modesta, contribuir para o derrube dos muros que persistem em separar mentalidades existentes na nossa urbe. É neste sentido que o design social pode contribuir de forma a conjugar vontades na reordenação material e política das comunidades.

Bibliografia

- Albagli, S. (2006), “Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local”, *Inclusão Social*, Brasília, 1(2), pp. 17-22.
- Berrebi, M. (2009), “Introduction. Participative Art, or ART 2.0”, *Women are Heroes*, New York: Abrams.
- Eisner, E. (2004), *El arte y la Creación de la Mente: El Papel de las Artes Visuales en la Transformación de la Conciencia*, Barcelona: Editorial Paidós.
- Flusser, V. (1998), *Ensaio sobre a Fotografia – para uma filosofia da técnica*, Col, Mediações, Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- IDEO.org (2015), *Human Centered Design – Kit de Ferramentas*, 2ª ed, (PDF), <http://www.designkit.org/resources/1> - Consultado em Abril de 2017.
- Regatão, J. (2007), *Arte Pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano*, 2ª ed, s.l.: Editora Bicho-do-Mato.
- Shea, A. (2012), *Designing For Social Change: Strategies for Community-Based Graphic Design*, New York: Princeton Architectural Press.
- Smith-Shank, D. e Soganci, I. (2011), “The city as a site for interdisciplinary teaching and learning”, *International Journal of Education Through Art*, 7(1), pp. 27-40.
- Sontag, S. (2012), *Ensaio sobre Fotografia*, Trad. José Afonso Furtado, Lisboa: Quetzal.
- Wang, C. e Burris, M. (1997), “Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment”, *Health Education and Behavior*, 24, pp. 369-387.

¹ T.L. de: plantar las semillas es una de las contribuciones que hacen los enseñantes al desarrollo de sus alumnos; pero no siempre se puede predecir cuándo van a fructificar esas semillas.